

Pela primeira vez na história humana, o nome Negro deixa de remeter unicamente para a condição atribuída aos genes de origem africana durante o primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, desapossamento da autodeterminação e, sobretudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A este novo carácter descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro, chamamos o devir-negro do mundo.

ANTÍGONA

CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA

ACHILLE MBEMBE

# ACHILLE MBEMBE

## CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA

TRADUÇÃO  
MARTA LARIÇA

ANTÍGONA



ACHILLE MBEEMBE é professor de História e de Ciência Política na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, e lecciona na Universidade Duke, nos EUA. Um dos pensadores contemporâneos mais prolíficos e activos, tem uma extensa obra publicada sobre história e política africanas, na qual explora os temas do poder e da violência. É autor de *De la postcolonie – Essai sur l’imagination politique dans l’Afrique contemporaine* (2000) e de *Sortir de la grande nuit – Essai sur l’Afrique décolonisée* (2010).

ACHILLE  
MBEMBE

CRÍTICA  
DA RAZÃO  
NEGRA

TRADUÇÃO  
MARTA LANÇA

ANTÍGONA

*Para Sarah, Léa e Aniel,  
e também para Jolyon e Jean (f)*

TÍTULO ORIGINAL: *Critique de la raison nègre*

AUTOR: Achille Mbembe

TRADUÇÃO: Marta Langa

REVISÃO: L. Baptista Coelho

CONCEÇÃO GRÁFICA: Rui Silva | [www.alhистaria.org](http://www.alhистaria.org)

ENCENAÇÃO: Rita Lynce

IMPRESSÃO: Guide — Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2013 Éditions de La Découverte | Paris

© 2014 Antígona | direitos reservados para Portugal

1.ª EDIÇÃO: Outubro 2014

DE: 387093/14

ISBN: 978-972-608-254-5

ANTÍGONA EDITORES REFRACTÁRIOS

Rua Gustavo de Matos Sequeira, n.º 70, 1.º

1250-120 Lisboa | Portugal | t. +351 21 324 4170

[info@antigona.pt](mailto:info@antigona.pt) | [www.antigona.pt](http://www.antigona.pt)

## INTRODUÇÃO

# O devir-negro do mundo

Quisemos escrever este livro à semelhança de um rio com múltiplos afluentes, neste preciso momento em que a história e as coisas se voltam para nós, e em que a Europa deixou de ser o centro de gravidade do mundo. Efectivamente, este é o grande acontecimento ou, melhor diríamos, a experiência fundamental da nossa época. Reconheçamos porém que a vontade de medir as implicações e as consequências desta reviravolta dá ainda os primeiros passos<sup>1</sup>. De resto, tal revelação pode ser-nos dada alegremente, pode suscitar perplexidade ou fazer-nos mergulhar num tormento ainda maior. De uma coisa temos a certeza: esta desclassificação, também ela carregada de perigos, abre possibilidades para o pensamento crítico. Tentaremos, aqui, em parte examiná-los.

<sup>1</sup> Dipesh Chakrabarty, *Provincializing Europe. Postcolonial Thought and Historical Difference*, Princeton University Press, Princeton, 2000; Jean Cornaroff e John L. Cornaroff, *Theory from the South or how Euro-America Is Evolving toward Africa*, Punctum Publishers, Londres, 2011, em particular a Introdução; Arjun Appadurai, *The Future as Cultural Fact: Essays on the Global Condition*, Verso, Londres, 2012; e Kuan-Hsing Chen, *Asia as Method: toward Deimperialization*, Duke University Press, Durham, 2010; e Walter D. Mignolo, *The Darker Side of Western Modernity. Global Futures, Decolonial Options*, Duke University Press, Durham, 2011.

Para apreender com mais exactidão a importância destas perigos e possibilidades não é de mais recordar que, de uma à outra ponta da sua história, o pensamento europeu sempre teve tendência para abordar a identidade não em termos de pertença mútua (co-pertença) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo ao mesmo, de surgimento do ser e da sua manifestação no seu ser primeiro ou, ainda, no seu próprio espelho<sup>4</sup>. Em contrapartida, interessa compreender que, como consequência directa desta lógica de autofecção, de autocontemplação e, sobretudo, de enclausuramento, o Negro e a raça têm significado, para os imaginários das sociedades europeias, a mesma coisa<sup>5</sup>. Designações primárias, pesadas, perturbadoras e desequilibradas, símbolos de intensidade crua e de repulsa, a sua aparição no saber e no discurso moder- nos sobre o homem (e, por consequência, sobre o huma- nismo e a Humanidade) foi, se não simultâneo, pelo menos paralelo; e, desde o início do século XVIII, consti- tuía, no conjunto, o subsolo (inconfessado e muitas vezes negado), ou melhor, o núcleo complexo a partir do qual o projecto moderno de conhecimento — mas também de governação — se difundiu<sup>6</sup>. Um e outro representam

- <sup>4</sup> Acresce da complexidade e das tensões inerentes a este gesto, ver Srinivas Aravamudan, *Enlightenment Orientalism, Resisting the Rise of the Novel*, University of Chicago Press, Chicago, 2011.
- <sup>5</sup> Ver François Bernier, «Nouvelles divisions de la Terre, par différentes espèces ou races d'hommes qui l'habitent», *Journal des Savants*, 24 de Abril de 1684, pp. 132-142; e Sue Peabody e Tyler Stovall, *The Color of Liberty, Histories of Race in France*, Duke University Press, Durham, 2009, pp. 21-27. Ver também Charles W. Mills, *The Racial Contract*, Cornell University Press, Ithaca, NY, 1997.
- <sup>6</sup> William Max Nelson, «Molding men: Enlightenment ideas of racial engineering», *American Historical Review*, vol. 115, n.º 2, 2006, pp. 1364-1394; James De Houwer, «The Neoscientist class body: racial indigenism in the Atlantic world», *Atlantic Studies*, vol. 9, n.º 2, 2012, pp. 185-202; e Nicholas Hudson, «From nation to race: the origins of racial classification in eighteenth-century thought», *Eighteenth Century Studies*, vol. 20, n.º 3, 1996, pp. 247-264.

duas figuras gêmeas do delírio que a modernidade pro- duziu (capítulos 1 e 2).

A que se deve então este delírio, e quais as suas mani- festações mais elementares? Primeiro, deve-se ao facto de o Negro ser aquele (ou ainda aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender. Em qualquer lado onde apareça, o Negro liberta dinâmicas passionais e provoca uma exuberância irracional que tem abalado o próprio sistema racional. De seguida, deve-se ao facto de que ninguém — nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome — desejaria ser um negro ou, na prática, ser tratado como tal. Além do mais, como explicou Gilles Deleuze, «há sempre um negro, um judeu, um chinês, um mongol, um ariano no delírio», pois aquilo que faz fermentar o delírio são, entre outras coisas, as raças<sup>7</sup>. Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma ques- tão de aparência, de pele ou de cor outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mun- dos euro-americanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada<sup>8</sup>. Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmagórica, a raça tem estado, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, e terá sido a causa de devastações físicas inauditas e de incalculáveis crimes e carnificinas<sup>9</sup>.

- <sup>7</sup> Gilles Deleuze, *Deixar ninguém de fora*, Textos e entrevistas, 1975-1995, Minuit, Paris, 2003, p. 25.
- <sup>8</sup> Miriam Elise Fridon, Benjamin Isaac e Joseph Ziegler, *The Origins of Racism in the West*, Cambridge University Press, Cambridge, 2004.
- <sup>9</sup> Frantz Fanon, *Pele Negra Máscaras Brancas*, Edições Saldanha, 2008. Tradução de Benito da Silveira (1992); William Blake Modisane, *Blame Me on History*, Dutton, Nova Iorque, 1963.

Três momentos marcaram a biografia deste vertiginoso conjunto. O primeiro foi a espoliação organizada quando, em proveito do tráfico atlântico (século xv ao xix), homens e mulheres originários de África foram transformados em homens-objecto, homens-mercadoria e homens-moeda<sup>8</sup>. Aprisionados no calabouço das aparências, passaram a pertencer a outros, que se puseram hostilmente a seu cargo, deixando assim de ter nome ou língua própria. Apesar de a sua vida e o seu trabalho serem a partir de então a vida e o trabalho dos outros, com quem estavam condenados a viver, mas com quem era interdito ter relações co-humanas, eles não deixariam de ser sujeitos activos<sup>9</sup>. O segundo momento corresponde ao acesso à escrita e tem início no final do século xviii, quando, pelos seus próprios traços, os Negros, estes seres-capturados-pelos-outros, conseguiram articular uma linguagem para si, reivindicando o estatuto de sujeitos completos do mundo vivo<sup>10</sup>. Tal período, pontuado por inúmeras revoltas de

<sup>8</sup> Walter Johnson, *Soul by Soul: Life Inside the Antebellum Slave Market*, Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1995; e Ian Baucom, *Specters of the Atlantic: Finance, Capital, Slavery, and the Philosophy of History*, Duke University Press, Durham, 2003.

<sup>9</sup> Acerca destes debates, ver John W. Blassingame, *The Slave Community: Plantation Life in the Antebellum South*, Oxford University Press, Nova Iorque, 1972; Eugene D. Genovese, *Roll, Jordan, Roll: The World the Slaves Made*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1974.

<sup>10</sup> Dorothy Porter, *Early Negro Writing, 1760-1837*, Black Classic Press, Baltimore, 1995. E sobretudo John Ernest, *Literature, Historiography, African American Writers and the Challenge of History, 1794-1861*, University of North Carolina Press, Chapel Hill, 2004; e Stephen G. Hall, *A Painful Account of the Race: African American Historical Writing in Nineteenth-Century America*, University of North Carolina Press, Chapel Hill, 2000. Tratando-se das Antilhas, ver particular, ver Patrick Chamussoen, *Raphaël Confiant, Lettres créoles, trajectes antillaises et continentales, 1635-1975*, Hatier, Paris, 1994. No mundo africano de língua inglesa, esta entrada efectua-se, como no Haiti, no decorrer do século xix. Ver,

escravos, pela independência do Haiti em 1804, por combates pela abolição do tráfico, pelas descolonizações africanas e lutas pelos direitos cívicos nos Estados Unidos, viria a completar-se com o desmantelamento do *apartheid* nos últimos anos do século xx. O terceiro momento (início do século xxi) refere-se à globalização dos mercados, a privatização do mundo sob a égide do neoliberalismo e do intrincado crescimento da economia financeira, do complexo militar pós-imperial e das tecnologias electrónicas e digitais.

Por neoliberalismo entenda-se uma fase da história da Humanidade dominada pelas indústrias do silício e pelas tecnologias digitais. O neoliberalismo é a época ao longo da qual o tempo (curto) se presta a ser convertido em força reprodutiva da forma-dinheiro. Tendo o capital atingido o seu ponto de fuga máximo, desencadeou-se um movimento de escalada. O neoliberalismo baseia-se na visão segundo a qual «todos os acontecimentos e todas as situações do mundo vivo (podem) deter um valor no mercado»<sup>11</sup>. Este movimento caracteriza-se também pela produção da indiferença, a codificação paranoica da vida social em normas, categorias e números, assim como por diversas operações de abstracção que pretendem racionalizar o mundo a partir de lógicas empresariais<sup>12</sup>. Assombrado por um seu duplo funesto, o capital, designadamente o financeiro, define-se agora como ilimitado, tanto do ponto de vista dos seus fins

por exemplo, S.E.K. Mqhayi, *Abantu Bezizwe: Historical and Biographical Writings, 1902-1944*, Witwatersrand University Press, Johannesburg, 2009. Há outros, se um pouco mais tarde no mundo francófono. A tal respeito, ver Alain Ricard, *Naissance du roman africain: Félix Couchoud (1900-1968)*, Présence africaine, Paris, 1987.

<sup>11</sup> Joseph Vogl, *Le Spectre du capital*, Diaphanes, Paris, 2013, p. 132.

<sup>12</sup> Ver Béatrice Hibou, *La Bureaucratization du monde à l'ère numérique*, La Découverte, Paris, 2014.

como dos seus meios<sup>11</sup>. Já não dita apenas o seu próprio regime de tempo. Uma vez que se encarregou da «fabricação de todas as relações de filiação», procura multiplicar-se «por si mesmos» numa infinita série de dividas estruturalmente insolúveis<sup>12</sup>.

Já não há trabalhadores propriamente ditos, já só existem nómadas do trabalho. Se, ontem, o drama do sujeito era ser explorado pelo capital, hoje, a tragédia da multidão é não poder já ser explorada de todo, é ser objecto de imitação numa humanidade superflua, entregue ao abandono, que já nem é útil ao funcionamento do capital. Tem emergido uma forma inédita da vida psíquica apoiada na memória artificial e numérica e em modelos cognitivos provindos das neurociências e da neuroeconomia. Não sendo os automatismos psíquicos e os tecnológicos mais do que duas faces da mesma moeda, vai-se instalando a ficção de um novo ser humano, empresário de si mesmos, plástico e convocado a reconfigurar-se permanentemente em função dos artefactos que a época oferece<sup>13</sup>.

Este novo homem, sujeito do mercado e da dívida, acha-se um puro produto do acaso natural. Tal espécie de «forma abstracta sempre pronta», como diz Hegel, capaz de se vestir de todos os conteúdos, é típica da civilização da imagem e das novas relações que ela estabelece entre os factos e as ficções<sup>14</sup>. Apenas um entre os outros animais não tem nenhuma essência própria a proteger ou salvaguardar. Não tem, *a priori*, nenhum limite para a

<sup>11</sup> Ver Joseph Vogt, *op. cit.*, pp. 166 e seguintes.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 153 e p. 170.

<sup>13</sup> Ver Roland Gori e Marie-José Del Volgo, *Éthique de l'intime. La réduction et la psychiatrie au service du monde» sobre l'animalité*, Paris, Desclée, 2005.

<sup>14</sup> Ver duas pontas de vista, Friedrich Schlegel, *Œuvres complètes de Schlegel*, Éditions Albin, Paris, 2013.

modificação da sua estrutura biológica e genética<sup>15</sup>. Distingue-se, em vários aspectos, do sujeito trágico e alienado da primeira industrialização. Em primeiro lugar, é um indivíduo aprisionado no seu desejo. A sua felicidade depende quase inteiramente da capacidade de reconstruir publicamente a sua vida íntima e de oferecê-la num mercado como um produto de troca. Sujeito neuroeconómico absorvido pela dupla inquietação exclusiva da sua animalidade (a reprodução biológica da sua vida) e da sua coisificação (usufruir dos bens deste mundo), este *homem-coisa, homem-máquina, homem-código e homem-fluxo*, procura antes de mais regular a sua conduta em função de normas do mercado, sem hesitar em se auto-instrumentalizar e instrumentalizar outros para otimizar a sua quota-parte de felicidade. Condenado a aprendizagem para toda a vida, à flexibilidade, ao reino do curto prazo, abraça a sua condição de sujeito solúvel e descartável para responder a injunção que lhe é constantemente feita — *tornar-se outro*.

Acresce a isso o facto de o neoliberalismo representar a época na qual capitalismo e animismo, durante muito tempo obrigados a manter-se afastados, tendem finalmente a fundir-se. Passando doravante o ciclo do capital a ir da imagem para a imagem, a imagem tornou-se um factor de aceleração das energias instintivas. Da potencial fusão do capitalismo e do animismo resultam algumas consequências determinantes para a nossa futura compreensão da raça e do racismo. Desde logo, os riscos sistemáticos aos quais os escravos negros foram expostos

<sup>15</sup> Ver Pierre Dardot e Christian Laval, *Le Nouvel Économisme. Essai sur la société néolibérale*, La Découverte, Paris, 2009. Ver também Roland Gori, «Les dispositifs de réduction de l'humain (convoqués avec Philippe Schepers)», *Sémin. Revue de éthique linguistique des sciences sociales*, n.º 31, 2014, pp. 57-70.



um ser-m de pequenas jurisdições e de grupos armados privados, ou sob a tutela de entidades internacionais, com o pretexto de fins humanitários, ou, simplesmente, de exércitos estrangeiros<sup>14</sup>. Estas práticas de zombarismo vêm, geralmente, acompanhadas por toda uma rede transaccional de represso: quadrículação ideológica das populações; contratação de mercenários afetos à luta contra as guerrilhas locais; formação de comandos de caças<sup>15</sup>; recurso sistemático a prisões em massa; tortura e execuções extrajudiciais<sup>16</sup>. Graças às práticas de zona-mento, um «imperialismo da desorganização» manufatura desastres e multiplica um pouco por todo o lado as condições de excepção, alimentando-se da anarquia.

A custa de contratos de reconstrução e sob o pretexto de combater a insegurança e a desordem, empresas estrangeiras, grandes potências e classes dominantes autóctones arrecadam as riquezas e as minas dos países avassalados. Transferências maciças de fortunas para interesses privados, desapossamento de uma parte crescente das riquezas que luas anteriores tinham arrecadado ao capital, pagamento indevido de divida acumulada,

a norma, pelo menos o quinhão de todas as humanidades subalternas. Depois, a tendencial universalização da condão negra e simultanea com a instauração de praticas imperiais inéditas que devem tanto às logicas esclavagistas de capim e de predação como às logicas coloniais de ocupação e exploração, ou seja, as guerras civis ou fazetas de épocas anteriores<sup>17</sup>. As guerras de ocupação e as guerras anti-insurreccionais visam não apenas capturar e liquidar o inimigo, mas também levar adiante uma parte do trabalho que agora em transformar o real em ficção e a ficção em real, a mobilização militar aérea, a destruição de infra-estruturas, os golpes e feridas são acompanhadas por uma mobilização total através das imagens<sup>18</sup>. Elas fazem agora parte de dispositivos de uma violência que se deseja para.

Algu, capim, predação, exploração e guerras assimétricas seguem lado a lado com a rebalanzamento do mundo e a intensificação de práticas de zombarismo — evidenciando uma inédita complexidade da economia com a biologia. Em termos concretos, tal complexidade traduz-se na multiplicação das fronteiras, na fragmentação de territórios e na sua divisão, bem como na criação, no interior dos estados existentes, de espaços mais ou menos autónomos, por vezes subtraídos a todas as formas de

<sup>14</sup> Les françaises Verges. Etienne Fribourg. Ca que nous enseigne le dialogue sur notre temps, Albin Michel, Paris, 2011.  
<sup>15</sup> Ver os trabalhos de Stephen Collins, *Chitos under Siege*, The New Militant man, op. cit.

<sup>16</sup> Alain Badier, «La Grece, les nouvelles primiques imperiales et la re-invention de la politique», *Signes*, Outubro 2012, pp. 39-47. Ver também Achille Mbembe, «Neoliberalism», *Public Culture*, vol. 15, n.º 1, 2003; Ronald Klein, *La Semaine du choc. Le monde et son capitalisme de dévotion*, Actes Sud, Arles, 2008 [2007]. Así: Cyril Michel (rivier), *Sancti Hilaris* (dir.), *The Power of Inclusive Exclusion: A study of Israeli Kibbutz in the Christian Palestinian Territories*, Zed Books, Nova Iorque, 2002 e *Eye of Wolf*.

identificação orgânica com o problema  
do caso de "L'Autre" nichalmeno

a violência do capital afligem agora, inclusive, a própria Europa, onde vem surgindo uma nova classe de homens e de mulheres estruturalmente endividados<sup>21</sup>.

Mais características ainda da potencial fusão do capitalismo e do animismo e a possibilidade, muito distinta, de transformação dos seres humanos em coisas animadas, em dados digitais e em códigos. Pela primeira vez na história humana, o nome Negro deixa de remeter unicamente para a condição atribuída aos genes de origem africana durante o primeiro capitalismo (produções de toda a espécie, desapossamento da autodeterminação e, sobretudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A este novo caráter descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro, chamamos o *devir-negro do mundo*.

#### A RAÇA NO FUTURO

Sendo o Negro e a raça duas figuras centrais (ainda que negadas) do discurso euro-americano acerca do *shomem*, será possível pensar que a desclassificação da Europa e a sua consequente inscrição na categoria de simples província do mundo determinará a extinção do racismo? Ou deveremos pensar que, se a Humanidade se tornar fungível, o racismo vai reconfigurar-se nos interstícios de uma nova linguagem — assoreada, molecular e fragmentada — acerca da «especies»? Se colocarmos a questão nestes termos, não corremos o risco de esquecer que o Negro e a raça nunca foram elementos congelados (capítulo 11).

<sup>21</sup> Maurizio Lazzarato, *La Fabrica de l'homme endetté*, Actes du séminaire, Paris, 2011.

verifica-se a  
dupla  
função

Pelo contrário, sempre fizeram parte de um encadeamento de coisas, elas próprias nunca acabadas. Altas: o seu significado fundamental foi sempre existencial. O nome Negro em particular libertou, durante muito tempo, uma extraordinária energia, ora como veículo de instintos inferiores e de forças caóticas, ora como signo luminoso da possibilidade de redenção do mundo e da vida num dia de transfiguração (capítulos 2 e 5). Além de designar uma realidade heteróclita e múltipla, fragmentada — em fragmentos de fragmentos sempre novos —, este nome assinalava uma série de experiências históricas desoladoras, a realidade de uma vida vazia: o assombramento, para milhões de pessoas apanhadas nas redes da dominação de raça, de verem funcionar os seus corpos e pensamentos a partir de fora, e de terem sido transformadas em espectadores de qualquer coisa que era e não era a sua própria vida<sup>22</sup> (capítulos 3 e 4).

E não é tudo. Produto de uma máquina social e técnica indissociável do capitalismo, da sua emergência e globalização, este nome foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria — a cripta viva do capital. Mas — e esta é a sua manifesta dualidade —, numa reviravolta espectacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no acto de criação e até de viver em vários tempos e várias histórias ao mesmo tempo. A sua capacidade de entesourar e, até, de alucinar multiplicou-se. Algumas pessoas não hesitariam em reconhecer

<sup>22</sup> Didier Auzier, *Le Moi-Peau*, Dunod, Paris, 1995, p. 31.

no Negro o lado da terra, o nervo da vida através do qual o sonho de uma Humanidade reconciliada com a natureza, ou mesmo com a totalidade do existente, encontraria novo rosto, voz e movimento<sup>14</sup>.

O ocaso europeu anuncia-se então, mesmo que o mundo euro-americano não tenha chegado a saber, ainda que quisesse saber (ou fingir saber), do Negro. Em muitos países assevera-se agora um racismo sem raças<sup>15</sup>. No intuito de apimentar a prática da discriminação, tornando a raça conceptualmente impensável, faz-se com que eutanasia e refúgio tomem o lugar da «biologia». Afirma-se que o universalismo republicano é cego em relação à raça, encontram-se os Não Brancos nas suas supostas origens, e continuam a proliferar categorias totalmente racializadas, as quais, maioritariamente, alimentam, no quotidiano, a islamofobia. Mas quem, entre nós, pode duvidar de que chegou o momento de finalmente começar por si mesmo, e enquanto a Europa se extravia, apanhada pela doença de não saber onde se encontra no mundo e com ele, de se alicerçar e fundar qualquer coisa de absolutamente novo?

Para fazê-lo, será necessário esquecer o Negro ou, pelo contrário, salvaguardar a sua força em relação ao que é falso, o seu carácter luminoso, fluido e cristalino — este estranho sujeito escorregadio, serial e plástico, constantemente mascarado, firmemente colocado nos dois lados do espelho, ao longo de uma fronteira que não pára de se estender? Além disso, se no meio desta tormenta o

<sup>14</sup> Ver especialmente a poesia de Aimé Césaire. Acresce de temática «do lado», ver Edmond Glissant e Patrick Chamoiseau, *l'Herminette blanche de monde*, Gallimard, Paris, 2008.

<sup>15</sup> Eric Fassin, *Démocratie pénale, La Découverte*, Paris, 2011 e Fassin (dir.), *Les Nouveaux Frontiers de la société française*, La Découverte, Paris, 2010.

Negro conseguir de facto sobreviver àqueles que o inventaram, e se, numa reviravolta de que a História guarda segredo, toda a humanidade subalterna se tornar negra que riscos acarretaria um tal dever negro do mundo a respeito da universal promessa de liberdade e de igualdade de que o nome Negro terá sido o signo manifesto no decorrer do período moderno? (capítulo 6).

Não é de mais lembrar que terá sobrado qualquer coisa, das fendas e até das lesões da crueldade colonial, para dividir, classificar, hierarquizar e diferenciar. Por ainda, a clivagem criada permanece. Será mesmo verdade que hoje em dia estabelecemos com o Negro relações diferentes das que ligam o senhor ao seu criado? Ele próprio não continuará a ver-se apenas pela e na diferença? Não estará convencido de ser habitado por um duplo, uma entidade alheia que o impede de chegar ao conhecimento de si mesmo? Não viverá num mundo de perda e de cisão, mantendo o sonho de regresso a uma identidade que se declina a si própria em função da essencialidade para e, portanto, muitas vezes, do que lhe é dissemelhante? A partir de quando o projecto de levantamento radical e de autonomia em nome da diferença se tornou simples inversão mimética daquilo que durante tanto tempo foi a sua maldição?

Estas são algumas das questões que colocamos neste livro, o qual, não sendo nem uma história das ideias nem um exercício de sociologia histórica, se serve no entanto da história para propor um estilo de reflexão crítica acerca do mundo do nosso tempo. Ao privilegiar uma forma de reminiscência, meio solar e meio lunar, meio diurna e meio nocturna, habitamos em mente uma única questão — como pensar a diferença e a vida, o semelhante e o dissemelhante, o excedente e o em comum? A experiência negra resume bem tal interrogação, pre-

servando na consciência contemporânea o lugar de um limite fugaz, de uma espécie de espelho móvel. Ainda nos interrogamos por que razão para este espelho móvel de girar sobre si mesmo. O que o impede de parar? O que explica esta sucessão infinita de cisões, cada uma mais estéril que a outra?

Joanesburgo, 2 de Agosto 2013

O presente ensaio foi escrito ao longo da minha estada no Witwatersrand Institute for Social and Economic Research (WISER) da Universidade de Witwatersrand (Joanesburgo, África do Sul). Faz parte de um ciclo de reflexão que *De la postcolonie* (2006) iniciara, seguindo-se *Sourir de la grande nuit* (2010), e de cujo trabalho em curso sobre o afro-politismo assinala a conclusão.

Ao longo deste ciclo, fomos forçados a habitar vários mundos ao mesmo tempo, não num gesto gratuito de desmembramento, mas de vaivém, susceptível de autorizar a articulação, a partir de África, de um pensamento da circulação e da travessia. Ao longo deste caminho, não procurámos provincializar as tradições europeias do pensamento. De resto, elas não nos são de modo algum alheias. Quando se trata de dizer o mundo na língua de todos, existem, pelo contrário, relações de força no seio destas tradições, e uma parte do nosso trabalho consistiu em ponderar tais fricções internas e em apelar à descentralização, não para reforçar a distância entre África e o mundo, mas para permitir que emergam, o mais claramente possível, as novas exigências de uma possível universalidade.

No decorrer da minha estada no WISER, pude beneficiar do apoio dos meus colegas Deborah Posel, Sarah Nuttall, John Hyslop, Ashlee Neesser, Pamela Gupta e, recentemente, Cathy Burns e Keith Breckenridge. As páginas que se seguem devem imenso à amizade de David Theo Goldberg, Arjun Appadurai, Ackbar Abbas, Françoise Vergès, Pascal Blanchard, Laurent Dubois, Éric Fassin, Ian Baucom, Srinivas Aravamudan, Charlie Plot e Jean-Pierre Chrétien.

Paul Gilroy, Jean Comaroff, John Comaroff e a saudosa Carol Breckenridge foram grandes fontes de inspiração. Agradeço ainda aos meus colegas Kelly Gillespie, Julia Hornberger, Leigh Ann Naidoo, Zen Marie do Johannesburg Workshop in Theory and Criticism (JWTC) da Universidade de Witwatersrand.

O meu editor François Geze e a sua equipa (Pascale Iltis e Thomas Deltonbe em particular) mostraram, como de costume, um irrepreensível apoio.

Agradeço às revistas *Le Débat*, *Politique africaine*, *Cahiers d'études africaines*, *Research in African Literatures*, *Africultures* e *Le Monde diplomatique*, que acolheram os textos iniciais que serviram de base a este ensaio. Por razões não explicadas aqui, este livro é dedicado a Sarah, Léa e Aniel e, também, a Jolyon e Jean.

## I.

## A questão da raça

As páginas que se seguem serão então dedicadas à razão negra. Por este termo ambíguo e polémico, designamos várias coisas ao mesmo tempo: imagens de saber; um modelo de exploração e deprecação; um paradigma da submissão e das modalidades da sua superação, e, por fim, um complexo psiconítico. Esta espécie de enorme jarra, na verdade uma complexa rede de desdobramentos, de incertezas e de equívocos, tem a raça como enquadramento.

Só nos é possível falar da raça (ou do racismo), numa linguagem totalmente imperfeita, duvida, diria até desadequada. Por ora, bastará dizer que é uma forma de representação primária. Não sabendo de todo distinguir entre o que está dentro e o que está fora, os involuços e os conteúdos, ela remete, antes de mais, para os simulacros de superfície.

Se aprofundarmos a questão, a raça será um complexo perverso, gerador de medos e de tormentos, de problemas de pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes. Na sua dimensão fantasmagórica, é uma figura da neurose fóbica, obsessiva e, porventura, histórica.